

ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A SINTAXE DOS ADVÉRBIOS DE MODO EM PORTUGUÊS

MARIA PAULA MACHADO
(Université de Bourgogne - França)

0. Nesta apresentação tratarei algumas questões sobre a sintaxe dos advérbios de modo em Português. Começarei por propor uma distinção dos vários tipos de advérbios de modo, baseados não só em evidências sintácticas, mas também por razões de interpretação. Centrarei a minha discussão nos chamados advérbios de SV (pondo de lado, por razões de tempo, os advérbios frásicos); partindo do estudo de diversas ocorrências do advérbio **bem**, discutirei a validade de uma proposta que parta da distinção de advérbios adjuntos a SV e advérbios seleccionados pelo verbo. Irei propor, no seguimento de outros autores, que as diferentes leituras possíveis para este advérbio correspondem a diferentes estruturas sintácticas¹.

1. Breve referência a algumas análises conhecidas

A classe gramatical *advérbio* sempre foi um ponto fraco das gramáticas. Os limites imprecisos desta classe não só derivam da heterogeneidade das expressões que é costume incluir sob esta designação, como também reflectem a imprecisão do tipo de distribuição dos advérbios nas frases, passando pela ambiguidade semântica que frequentemente criam. Qualquer estudo que pretenda abordar esta categoria de palavras ver-se-á confrontado com problemas que derivam desta complexidade e que jogam com o problema das interfaces em Linguística.

Vários critérios foram sucessivamente sugeridos para tentar resolver os problemas referidos: a gramática tradicional classifica os advérbios ora segundo critérios nocionais, ora segundo critérios morfológicos. No âmbito da Sintaxe, as classificações dos advérbios devem prender-se com o tipo de distribuição dos

advérbios e com as relações sintácticas que estes estabelecem com outro tipo de palavras.

Neste âmbito, várias propostas de análise foram surgindo e, da bibliografia conhecida, gostaria de destacar alguns trabalhos. Um dos trabalhos percursores no domínio da gramática generativa foi o de Jackendoff(72) que, numa proposta para o Inglês, defende que os advérbios ocupam diferentes posições, que propiciam leituras diferentes. Para o Português, na mesma linha de análise, o estudo de Casteleiro(82) para os advérbios de frase deve ser destacado.

No quadro da TRL são de extrema importância as propostas de Pollock(89) e Belletti(90) nas quais os advérbios são analisados como adjuntos, quer a SV, quer a categorias como SAc e ST, sendo o problema da ordem final de palavras explicado pelo movimento do verbo. Na mesma altura, para o Português, surge o estudo de Ambar(90), numa proposta distinta, que toma os advérbios quer como Esp de diferentes categorias, quer como adjuntos a projecções máximas. Já enquadrada no programa minimalista surge a análise de Cinque(98), onde se discute os advérbios no âmbito das categorias funcionais. Para o Português gostaria, ainda, de realçar os trabalhos de dois autores que, de alguma maneira, influenciaram o meu trabalho: é o caso de Frota(92), num estudo sobre a prosódia dos advérbios e Costa (97) que se debruça sobre as diferentes interpretações dos advérbios e correspondente tratamento sintáctico².

2. Delimitação/descrição do *corpus* de análise

Na análise que apresentarei de seguida, apenas me referirei aos chamados *advérbios de modo*. O seu comportamento permite agrupá-los, à partida, em dois grandes grupos: advérbios frásicos e advérbios de SV que, paradigmaticamente, representamos em (1) e (2):

- (1) **Lamentavelmente**, tu não falas alemão. (adv. frásico)
- (2) O aluno fez **atentamente** os deveres. (adv. de SV)

Como é possível constatar, é pela intervenção da incidência adverbial na frase, pelo efeito de sentido no qual o advérbio participa e pelo comportamento dos dois tipos de advérbios relativamente a certos testes³ que é possível fazer tal distinção. Os advérbios frásicos (aqui, **lamentavelmente**) aplicam-se à frase no seu todo, não se incluindo no conteúdo proposicional por ela expresso, operando sobre ele ou sobre a asserção de que é objecto. Por seu lado, os advérbios de SV (aqui, **atentamente**) apresentam um estatuto diferente: fazendo parte da proposição, mantêm um certo grau de relação com o verbo.

Uma conclusão precipitada levar-nos-ia a pensar que todos os advérbios do tipo "não frásicos", os advérbios que até aqui, e simplificando, designei de

advérbios de SV, têm o mesmo comportamento do advérbio **atentamente**. Mas tomemos os seguintes exemplos:

- (3) a) O aluno fez **atentamente** os deveres.
 b) O aluno fez os deveres.
- (4) a) O João porta-se **bem**.
 b) *O João porta-se.

Se submetermos estas ocorrências ao teste da *supressão*, facilmente constatamos que estamos em presença de dois tipos de advérbios: em (3) a), embora o advérbio seja *não frásico* e de alguma forma seja “interno” a SV, não parece que a sua ocorrência seja fundamental para a significação plena do verbo, sendo a frase resultante da supressão em (3) b) uma frase bem formada sintacticamente; ao contrário, a supressão de **bem** em (4) b) é responsável pela agramaticalidade da frase, pelo que tudo indica que este tipo de advérbios é seleccionado pelo verbo, determinando este a sua ocorrência.

Justificam-se, assim, em meu entender, dois tipos de advérbios *não frásicos*, distintos pelo seu grau de integração na frase e pela relação com o verbo: advérbios que designarei, provisoriamente, subcategorizados (para o caso de **bem**) e advérbios adjuntos a SV (para o caso de **atentamente**).

Mas como se sabe, em Português, o advérbio **bem** aparece noutros contextos distintos de (4).

Vejamos, então, os exemplos (5) a (9):

- (5) a) O João estudou **bem** a lição.
 b) O João estudou a lição.
- (6)=(4) a) O João porta-se **bem**.
 b) *O João porta-se.
- (7) a) A Rita comeu **bem** a sopa.
 b) A Rita comeu a sopa **bem**.
 c) A Rita comeu **bem**.
 d) *A Rita comeu.
 e) A Rita comeu, a Maria preferiu brincar.
 f) A Rita já comeu? Sim, a Rita comeu. / Sim, já comeu.
 Sim, comeu.
- (8) **Bem**, ela comeu, mas beber, bebeu mal!

- (9) a) **Bem** comeste o que te mandei!
 b) A Rita **bem** comeu, mas ficou com fome na mesma!

A ocorrência em (5) a) é típica dos advérbios de modo, tradicionalmente tomados como "modificadores do verbo" e que formalmente se podem considerar adjuntos a SV; neste caso, **bem** comporta-se exactamente como **atentamente**, do exemplo (3) a). Quanto a (6) e (7) elas merecem uma atenção maior.

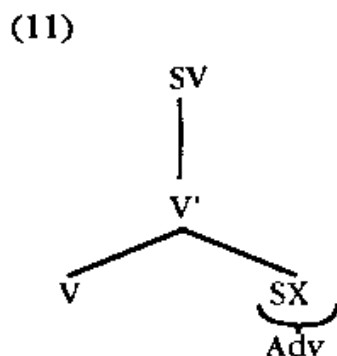
A agramaticalidade de (6) b) e de (7) d) parece indiciar a existência de advérbios subcategorizados por verbos. No estudo prévio a que já fiz referência anteriormente, proponho que são poucos os verbos que não prescindem da ocorrência de advérbios. Esses verbos parecem constituir 3 grupos, que indico em (10), e que, no entanto, têm algumas propriedades distintas:

- (10) Verbos como *comer, beber, pagar*
 Verbos reflexos do tipo *portar-se, sentir-se*⁴
 Verbos do tipo *representar, assobiar, cantar, dançar*

Uma primeira constatação é a de que, com os verbos referidos em (10), são limitados os advérbios que parecem ser subcategorizados pelos verbos. Na sua maioria, são advérbios de modo (do tipo *bem/mal*), por vezes de intensidade e de quantidade.

3. Propostas de análise

Analisemos em primeiro lugar o caso exemplificado em (6). A agramaticalidade de (6) b) por supressão do advérbio, mostra que ele é seleccionado pelo verbo. Assume-se, geralmente, que os verbos têm de especificar na entrada lexical quais os constituintes (com a respectiva grelha temática) que passarão a ser tomados como complementos verbais e que, em princípio, terão de ocorrer obrigatoriamente, para que completem o significado daquele. Segundo Hernanz e Brucart(87), entre outros, advérbios como os que estamos a estudar deverão gerar-se sob V' e não serem adjuntos a SV. É o que se descreve na representação (11):

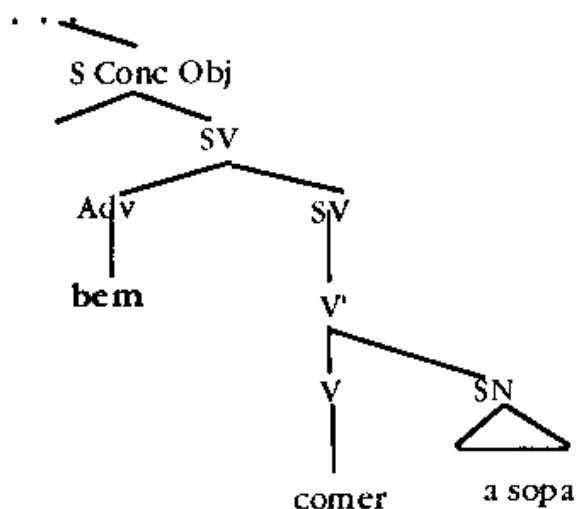


Analise agora o caso mais complexo ilustrado em (7) e confrontemos (7) a), b) e c). A presença do objecto *a sopa* provoca em (7) a) e b) uma leitura diferenciada do que acontece em (7) c). O advérbio em (7) a) e b) é claramente um advérbio de modo; em c) tem duas leituras possíveis: uma leitura de advérbio de quantidade, associando-se a “comer bem” a ideia de comer uma certa quantidade de comida, considerada suficiente ou acima da média; e uma segunda leitura, que mantém o carácter de modo; “comer bem” é, então, sinónimo de comer de acordo com certos padrões e regras de nutrição. Antes de propor uma estrutura sintáctica para as frases (7) a), b) e c), importa comentar os dados em (7) d), e) e f). Considerada isoladamente a frase (7) d) é agramatical. Mas já em (7) e) e nas várias possibilidades ilustradas em (7) f) a não presença do objecto não é factor de agramaticalidade. Por um lado, em (7) e) parece acontecer saturação no léxico do argumento interno do verbo⁵ e em (7) f) é a presença de *já*, o uso de um tempo passado e o par Pergunta/Resposta que contribuem para a omissão do objecto.

A questão que se coloca é então a seguinte: será que as duas leituras que constatamos para *bem*, evidenciadas em (7) a), b) e (7) c), correspondem a estruturas frásicas distintas? Creio que sim e é o que tentarei mostrar em seguida.

Como já referi, o grau de dependência relativamente aos verbos dos advérbios subcategorizados parece ser um forte indício para que sejam gerados sob *V'* e não como adjuntos a *SV*. Mas também a questão da subcategorização não é pacífica. Geralmente, na Teoria da Regência e Ligação, a subcategorização é descrita através de estruturas do tipo da que é apresentada em (11). Adoptando, por um lado, a ideia de que *bem* como advérbio de modo é gerado como adjunto a *SV* e por outro lado, a proposta de uma categoria funcional *S CONC OBJ* (AGROP) responsável pela atribuição de caso acusativo, teríamos para (7) a) e (7) b) a seguinte estrutura sintáctica básica, representada em (12):

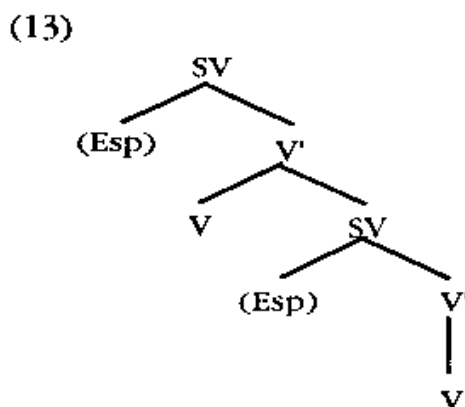
(12)



Por movimento do verbo para Flex (ou AGRS) e de *a sopa* para a posição de Esp de CONC OBJ (AgrO), obtemos (7) b) a ordem V SN Adv: A Rita comeu a sopa bem.

Por movimento de V para Flex (ou AGRS) apenas, obter-se-á (7) a) com a ordem V Adv SN, ficando, no entanto, por saber por que razão aqui não opera o movimento do SN objecto⁶. Não me vou deter em relação a este problema porque ele está relacionado com muitos outros problemas de ordem de palavras em Português, problemas que têm sido tratados em recentes trabalhos de João Costa.

Como disse anteriormente, a questão da subcategorização tem sido tratada de outros modos. Na minha dissertação de mestrado, explorei um outro tratamento, o de Larson(88), inspirado em Ginet(82). De acordo com este autor, a categoria SV tem uma estrutura sintáctica mais hierárquica do que à primeira vista parece. Com um verbo de dois agentes⁷, por exemplo, o SV analisa-se como descrevo em (13):



Sendo as posições de Esp reservadas precisamente para argumentos do verbo. Aceitando este quadro teórico que, refira-se, é seguido em Chomsky(95), pp. 15-17, como solução alternativa à adjunção, para o advérbio *often*, em

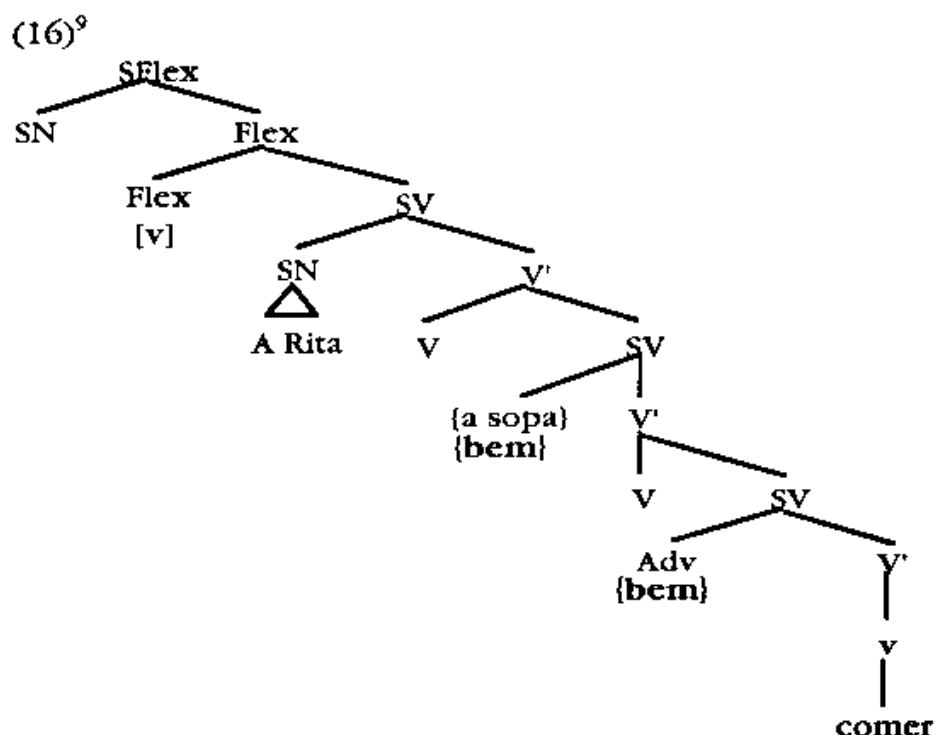
(14) *Jonh reads often to his children.*

onde os advérbios do tipo de *often* ocupariam não uma posição de adjunto a SV, mas uma posição de um dos Esp de SV. Refira-se ainda que nesta perspectiva a ordem com que aparecem os argumentos dos verbos deverá obedecer à Hierarquia Temática que apresento em (15), como em Larson(88).

(15) Agente > tema > meta > oblíquos (modo, lugar, tempo...)

Aceitando a Hierarquia Temática, como em (15), explicar-se-ia o facto de certos advérbios poderem figurar em diversas posições e com diversos sentidos.

Assim, uma posição de Esp de SV estaria associada à ideia de quantidade para os advérbios de modo, com papel temático de objecto ou tema⁸. Uma posição mais baixa e encaixada na estrutura estaria associada à leitura de modo, propriamente dito. Em (16) analiso as duas posições possíveis para *bem*, numa análise "à Larson":



É de notar que uma proposta deste tipo não dá conta de ocorrências como (7) b). No momento actual penso que há alternativas ao tratamento de Larson(88) e que uma análise na linha de (12) é preferível. Se o advérbio for um adjunto a SV, a sua interpretação de modo é explicada, quer seja na ordem exibida em (7) a) quer na ordem (7) b). Se o advérbio for um argumento do V, sob V', como em (11), é explicada a sua leitura de quantidade.

Antes de continuar com outros valores de *bem*, vale a pena comentar a proposta alternativa de Cinque(98) que analisa os advérbios no âmbito das projecções funcionais. À partida, ao propor que os advérbios ocupam a posição de Esp de diferentes categorias funcionais de ordem universal e natureza independente, Cinque facilmente resolveria o problema da ordem de palavras. Segundo esta proposta, fica sem sentido falar-se em advérbios frásicos e advérbios de SV, uma vez que todos os advérbios passam a ocupar posições de Esp de diferentes categorias funcionais. O sistema seria assim muito mais versátil para resolver o problema com o qual nos debatemos.

Para o autor, a ordem fixa dos advérbios origina uma proposta que leva a uma proliferação de categorias funcionais, justificadas, aparentemente, por

motivos semânticos e com uma forte componente descritiva. Além disso, a análise incorre, para a representação de uma simples frase, numa sobrecarga de níveis categoriais e funcionais que, apesar de terem, muitas vezes, valores nulos, terão de ser projectados. Parece-me, todavia, que esta multiplicação de categorias não é desejável dentro do espírito do programa minimalista.

Apesar de tudo, a proposta de Cinque apresenta algumas virtualidades que se poderão explorar.

Voltemos, de novo, às ocorrências de **bem** sobre as quais ainda não reflecti:

(17)=(8) **Bem**, ela comeu, mas beber, bebeu mal!

(18)=(9) a) **Bem** comeste o que te mandei!

b) A Rita **bem** comeu, mas ficou com fome na mesma!

A primeira ocorrência é claramente uma construção de tipo contrastivo, onde o advérbio **bem** conserva a interpretação de quantidade que sugeri para as construções não marcadas correspondentes. À partida, para este tipo de construções a primeira intuição é afirmar que elas surgem por movimento do advérbio. Assim, poderíamos propor, para explicar frases deste tipo, onde o advérbio seleccionado pelo verbo ocupa a primeira posição na frase, uma estrutura que engendrasses o advérbio sob SV e depois, pela aplicação de mover- α , tal advérbio se deslocasse para a posição inicial. No entanto, esta explicação parece difícil de aceitar, na medida em que, no âmbito do programa minimalista não tem cabimento falar-se em movimentos de advérbio, uma vez que não há motivações para que tal aconteça (o advérbio não tem propriedades morfológicas a verificar). A alternativa parece ser o engendramento básico do advérbio numa posição de FOCO contrastivo, uma posição talvez acima de ST/ SAc/ SFlex operando a co-indexação dessa posição com uma categoria vazia no interior de F.

Olhemos, finalmente, para os exemplos (18) a) e b) :

Em ambos os casos, o advérbio perde de novo a leitura de advérbio de modo e adquire o sentido de afinal em a) e de até ou mesmo em b). Estamos na presença do que alguns autores designam *partículas modais* (Cf. Franco (90), entre outros). Sem pretender analisar a estrutura das frases em (18), penso que, mais uma vez, a posição deste tipo de elementos é distinta das que aponte para o **bem** de quantidade e de **bem** advérbio de modo. Podendo ser analisada ou como adjunto a uma categoria funcional superior, SAc ou ST conforme o caso ou, como propõe Cinque(98), tais advérbios poderão ocupar uma posição de Esp de uma categoria associada à força ilocutória.

Em conclusão, a proposta que aqui deixo para a análise dos advérbios de modo é uma análise mista, uma vez que defendi que alguns advérbios ocorrem em estruturas de adjunção e outros integrados em SV, ou como Esp, numa análise à Larson(88) ou sob V', como é geralmente assumido para argumentos subcategorizados. Para dar conta do valor de **bem** como sinónimo de afinal ou mesmo, sugeri que o mesmo advérbio possa ser gerado ou como adjunto a uma categoria funcional superior ou mesmo como Esp de uma tal categoria, associada à força ilocutória. Desta forma pretendi contemplar na análise sintáctica, não só a interpretação semântica, como elementos de marcação prosódica, tal como foi sugerido por Frota(92) e outros autores. De novo se constata que uma descrição uniforme dificilmente dará conta da diversidade dos advérbios e tudo nos faz pensar que, cada vez mais, se justifica que os estudos linguísticos se façam no domínio das Interfaces entre as diversas áreas da linguística.

Notas

- 1 O texto aqui apresentado tem como ponto de partida a minha dissertação de mestrado, defendida em 1996 e apresentada à Faculdade de Letras do Porto.
- 2 Trabalho este a que só recentemente tive acesso e que desconhecia aquando da realização da minha dissertação de mestrado.
- 3 Cf., por exemplo, Hernanz et Brucart(87), cap 6; Duarte e Brito(96), Machado(96), Cap.1.
- 4 Note-se que verbos como *vestir-se* e *arranjar-se* parecem aproximar-se de *portar-se*, porém admitem ocorrências do tipo :

Antes de tomar o pequeno-almoço, ela lava-se e veste-se.

onde a não ocorrência do advérbio não é factor de agramaticalidade.

- 5 Cf. Rizzi(86), Raposo(92).
- 6 Movimento em FL ou em sintaxe para verificar traço acusativo.
- 7 Os exemplos estudados são *to put* e *to give*.
- 8 Note-se que a paráfrase « uma boa quantidade » para o advérbio **bem**, quase o constitui como uma expressão nominal, permitindo encará-lo como objecto do verbo.
- 9 Nesta representação ponho de lado todas as questões decorrentes da posição atribuída ao Sujeito, assumindo o movimento do Verbo, sem discutir os pressupostos inerentes a essa análise.

Bibliografia

- AMBAR, M.M.(199): « Sobre a posição do sujeito, movimento do verbo e estrutura da frase », *Actas do Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, F.L.Lisboa, pp.369-395.

- BELLETTI, A.(1990):« Generalized verb movement.Aspects of verb syntax ». Rosenberg&Sellier, Torino.
- CASTELEIRO, M.(1982): « Análise gramatical dos advérbios de frase » in *BIBLOS*,58, pp.99-100.
- CHOMSKY, N. (1995): « Categories and transformation in a minimaliste framework », in *The minimaliste program*, MIT Press.
- CINQUE, G.(1995): « Adverbs and the Universal hierarchy of functional projections »(abstract), Glow newsletter, 34, Spring, pp.14-15.
- CINQUE,G.(1998): « Adverbs and functional heads. A Cross-linguistic Perspective » , a ser publicado pela Oxford University Press.
- COSTA, J.(1997):a) « Adverbs and the interaction of levels of grammar » in *Interfaces in Linguistic Theory*, Ed. Colibri, APL, Lisboa.
 b) « Positions for subjects in european portuguese »in *Proceedings of WCCFL XV*, CSLI, Standford.
- FRANCO,A.(1990):« Partículas modais do Português » in *Línguas e Literaturas, Revista da Faculdade de Letras do Porto*, vol VII, Porto, pp. 175-196.
- FROTA,S.(1992):« A prosódia do advérbio na frase, interacção e convergência », *Actas do VIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, pp.204-224.
- HERNANZ,M.L. e BRUCART J.M.(1987): *La sintaxis*. «I.Princípios teóricos. La oración simple ». Ed. Crítica, Barcelona, pp. 267-287
- JACKENDOFF, R.S.(1972): *Semantic Interpretation in Generative Grammar*, Cambridge, Mass : MIT Press, pp.49-107.
- LARSON, R.K. (1985): « BARE-NP Adverbs » in *Linguistic Inquiry*, Vol.16, number 4.
- LARSON, R.K. (1988): « On the double object construction », in *Linguistic Inquiry*, Vol.19, number 3.
- MACHADO, M.P. (1996):*Sintaxe dos advérbios de modo em Português*, dissertação de Mestrado, F.L. Porto.
- POLLOCK, JY(1989): « Verb Movement, Universal Grammar and the struture of IP », in *Linguistic Inquiry* Vol.20, number 3, pp. 365-424